

OS AVÓS DE ONTEM E DE HOJE SEGUNDO DESENHO DE CRIANÇAS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR, BAHIA

Manon T. Lopes Silva Pinto¹
Elaine Pedreira Rabinovich²
Ana Isabel Duarte Machado³
Sonia Maria Moraes Ferreira⁴

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo se originou de um estudo em uma instituição de Ensino Básico em Salvador, Bahia, com estudantes do 6º ano. Nele, foi verificada uma discrepância na forma e no conteúdo entre os contos de antigamente e os da contemporaneidade, o que suscitou uma pesquisa sobre a relação entre avôs, avós, netos, netas e o ato de contar histórias. De fato, contar e ouvir histórias sempre foram atividades que muito aproximavam os adultos das crianças, prática essa que despertava e desenvolvia o letramento e fortalecia os vínculos com os interlocutores (ABRAMOVICH, 2003; FERNANDES, 2013; MARUJO, 2017; SILVA, 2017). No entanto, influenciados pelo uso intensivo da mídia, os estudantes passaram a vivenciar a ausência dos avôs e das avós e a falta de habilidades dos pais para essa tarefa, o que os afasta da sabedoria dos contos de fadas. Segundo Otte e Kovács (2013), no mundo de hoje, a “mídia está substituindo, cada vez mais, o diálogo nas famílias e diminuindo as oportunidades de desenvolvimento da imaginação infantil” (OTTE; KOVÁCS, 2013, p.1).

Deste modo, a questão problematizadora mais ampla que moveu o projeto original no referido colégio (CMS) foi: Como os estudantes percebem a relação entre as narrativas dos contos maravilhosos a partir da sua contação pelos avôs e pelas avós na atualidade? Seu objetivo geral foi, assim, investigar o envolvimento de avôs/avós como contadores de histórias, mais precisamente, relativas aos contos de fadas. Alguns objetivos específicos foram: identificar se os discentes, antes ou depois na entrada no CMS, ouviam narrativas

¹ Formada em Educação Física (UnB), Mestre em Fisiologia do Movimento Humano. Arte-educadora. Professora de Educação Física e dança do Colégio Militar de Salvador RJU. email: toscanomanon@yahoo.com

² Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. E-mail: elainepedreira@gmail.com

³ Licenciada em Letras. Professora do Colégio Militar de Salvador. email: anaidmachado@gmail.com

⁴ Mestre e doutora em educação pela UFBA. Técnica em Assuntos Educacionais da escola de Formação Complementar do Exército/Colégio Militar de Salvador. Orientadora da SOE/CMS do Colégio Militar de Salvador. Email: soniaf1000@yahoo.com.br

vinculadas aos contos de fadas através de seus avós ou de outras pessoas próximas a eles; verificar o conteúdo dos contos de fadas e o universo do estudante na contemporaneidade; identificar a existência de uma possível relação entre tradição e modernidade nos estudantes no contexto atual.

Desta questão, emergiu o presente estudo que aborda a percepção dos avôs e avós de antigamente e na contemporaneidade por 60 estudantes, expressada por meio de desenhos. Este artigo apresentará inicialmente o contexto em que o estudo foi realizado para após discutir a pesquisa em pauta.

2 ANTECEDENTES À PESQUISA EM PAUTA

Jonathan Franzen (2012), escritor norte-americano da atualidade, aponta que produtos de consumo – sobretudo aparelhos eletrônicos e aplicativos – estão sendo projetados para serem “curtíveis” e acabam por ser tomados como “substitutos ao amor”. No entanto, apesar de a tecnologia apresentar-se como uma importante conquista, as relações humanas necessitam de contatos pessoais. Quem mais sofre com a falta de uma relação mais proximal são os avós, ou aqueles que, mesmo não tendo netos, são os velhos em uma sociedade das máquinas.

Muitas vezes, para que não fiquem à margem de sua própria família, os avós tentam acompanhar o progresso e, assim, imaginam poder se aproximar daqueles que lhes são caros: os netos, os bisnetos ou os mais jovens membros de famílias amigas. Entretanto, o excesso do individualismo compromete o diálogo e, mesmo entre os membros de uma mesma família, algumas tradições tendem a desaparecer, entre elas, a contação de história (ABRAMOVICH, 2013).

O ato de ouvir, falar e compartilhar eram importantes para todos que viviam nas sociedades mais tradicionais (CASCUDO, 2006). Entre as comunidades com tais características, o avô ou a avó eram figuras importantes para serem ouvidas. Conforme Torres e Tettamanzy (2008, p. 2), “em uma sociedade de imensa mecanização como a nossa, a contação de histórias faz refletir sobre qualidades esquecidas”. Benjamin (2008), já na década de 1940, refletia sobre a morte do narrador tradicional, aquele que transmitia sua experiência através da palavra aos mais jovens. Ainda existem algumas dessas representações espalhadas pelo mundo todo, mas essas comunidades tendem a desaparecer.

Para tentar acercar-se deste tipo de transmissão pela contação de histórias, o Colégio Militar de Salvador (CMS) estruturou um projeto com o título de: ‘Era uma vez... um vovô e

uma vovó que contava histórias’. Em 2016, amparado pela proposta da ‘Ciranda de livros’ da professora de Língua Portuguesa, o projeto tomou vulto, principalmente por estar vinculado aos trabalhos interdisciplinares da instituição. Entre as tarefas destinadas aos alunos, estava fazer um desenho que mostrasse os avós de antigamente e os avós mais modernos.

O projeto não se resumiu apenas à feitura dos desenhos, mas à forma como os avós eram lembrados por meio de dramatizações em que havia personagens de idade, nos filmes onde os velhos eram personagens principais (‘A jornada do homem’, ‘Humberto D’, ‘Um dia, um gato’, entre outros).

Além desses trabalhos, anualmente um questionário é apresentado às turmas após a tarefa de construção da árvore genealógica que a disciplina de História propõe para o entendimento da jornada da humanidade e a pessoal. Com esse material, os avós são postos em posição de destaque, ou não. Assim, sabe-se o quanto esse segmento populacional está próximo a cada estudante.

Os objetivos apresentados no projeto foram: Valorizar os avós e as avós; Trabalhar o conceito de família na sociedade contemporânea; Reavaliar as culturas implicadas nos conteúdos trabalhos relacionando-os com os avós; Experienciar a prática da pesquisa de campo; Trabalhar os conceitos de alteridade, equidade, cuidado, memória e narrativa; Respeitar as diferenças; Exercitar a prática da oratória.

O projeto ‘Era uma vez ... um vovô e uma vovó que contava histórias’ foi idealizado para responder aos objetivos acima e as perguntas de estudo foram: 1 – quem são esses índios e ciganos que são tratados em sala de aula? Existem similaridades e diferenças entre seus hábitos? Quais?; 2 – como as suas tradições conseguem sobrepujar a globalização?; 3 – qual a influência da mídia e da tecnologia nas suas vidas/cotidiano?; 4 – como valorizar essas culturas?; 5 – quais os integrantes das famílias que mais recebem atenção no contexto familiar dessas comunidades?; 6 – na sua família, os idosos recebem o mesmo tratamento?; 7 – como você se relaciona com os mais idosos?; 8 – quando você está junto ao(s) avó(s) que ele(s) mais gostam de fazer?; 9 – seus avós contam histórias ou contavam histórias para você?

O projeto se estruturou em eixos que interagem com disciplinas específicas: Língua Portuguesa, História, Dança, Teatro, Música, Artes Visuais, Geografia e se relaciona a aspectos afetivos e memórias narrativas de avós e avôs. As narrativas foram realizadas através de poemas, histórias, descrições, lidas ou criadas pelos discentes. Um eixo estava voltado à formação cidadã. Os valores mais ressaltados foram: valor da família, do cuidado, das lembranças. No outro eixo, o desenvolvimento humano tende a valorizar as diferenças étnicas

e culturas através das diferentes manifestações artísticas, valorizando os povos e culturas indígenas (6º ano) e ciganas (7º ano), com o foco sobre combate às discriminações.

De acordo com o que as respostas ao questionário (?), os alunos se apropriam dos meios tecnológicos para escutarem histórias. Entre eles, os *tablets*, os celulares, e em seguida as mães e os pais. Os avós não estão nesse circuito. Percebeu-se também que a capacidade imaginativa de ano para ano tem diminuído, a ponto de a professora propor à turma que fizesse uma pergunta sobre qualquer coisa que eles tivessem curiosidade de saber. Para surpresa da docente, numa turma de 26 estudantes, menos de seis alunos conseguiram formular alguma coisa. A intenção era que, a partir da pergunta formulada, eles pudessem criar uma lenda, uma vez que a maioria das lendas distribuídas em sala de aula tinham como personagens indígenas, crianças perguntando aos avós alguma coisa que gostariam de saber. E eles, os velhos, como sábios, respondiam. Nesses moldes, foi proposta a continuação das atividades, principalmente aquelas que colocassem em destaque os contadores de histórias.

Abramovich (2003), assim como Fernandes (2013), enfatizam a importância de escutar histórias. Nesta escuta, as emoções são muito mais sentidas porque há um elo empático daquele que conta e daquele que a ouve. As perguntas, dúvidas, interesses e outros elementos vão sendo correspondidos. É também uma oportunidade de se acrescentar outros elementos à história, redimensionando-a.

As histórias de nossas próprias vidas, as narrativas familiares são sempre propostas principalmente no 6º ano, com o conteúdo Contos Maravilhosos, Lendas e Fábulas. Assim, com o passar dos meses, os estudantes vão descobrindo um mundo dentro de si, e o que ele ou ela podem fazer com esse mundo, tão cheio de tudo; inclusive coisas que não fazem parte de seu cotidiano, vão servindo para eles construírem suas redações. É assim que as novidades surgem, e o aprendizado acontece.

Para esse artigo, os desenhos sobre os avós realizados pelos alunos serão analisados, revelando como os jovens passaram a perceber o ontem e o hoje dos avós.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PRESENTE PESQUISA

O objetivo desta pesquisa foi verificar evidências encontradas nos desenhos discentes quanto à percepção dos alunos em relação aos avós de ontem e de hoje. Trata-se de uma pesquisa exploratória que constou de questionário e da confecção de desenhos por estudantes que mostravam como estes percebiam os avôs e as avós de antigamente e na contemporaneidade.

A população-alvo foram 60 estudantes, de ambos os sexos, do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Militar de Salvador (CMS). Os critérios de inclusão foram: ser estudante do CMS; estar cursando o 6º ano fundamental. Estes estudantes tinham as idades entre 10 e 14 anos, com a idade média de 12-13 anos. A pesquisa foi realizada no início do ano de 2017 a partir do Projeto: ‘Era uma vez ... um vovô e uma vovó que contava histórias’. O comandante do CMS autorizou a mesma e os responsáveis pelos alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Solicitou-se aos estudantes do 6º ano que desenhassem os avós de ontem e os de hoje. Foi esclarecido que podiam desenhar em forma de casal, ou solitário (um avô, ou uma avó), e, conforme as perguntas surgiam, eram oportunizados os pedidos, tais como: desenhar o seu avô, a sua avó, um avô conhecido, um avô de mentirinha; deste modo, vários avós foram surgindo.

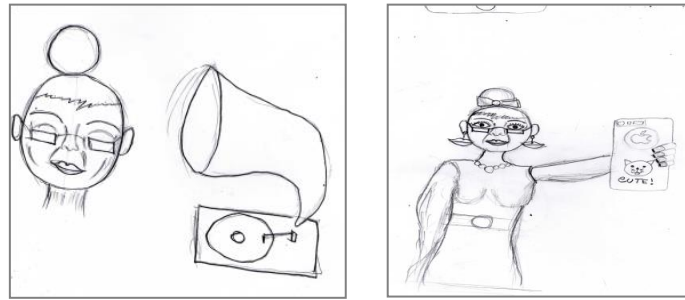
A tarefa levou 75 minutos. Alguns tiveram tempo de desenhar em preto e branco e outros coloriram seus desenhos. Alguns eram grandes, imensos e outros minúsculos. Alguns com as figuras mais centralizadas, outros colocando os mais velhos em posições subalternas, alguns desenhando os avós sozinhos, outros em paisagens, e com destaques semelhantes para os dois anos em que os desenhos foram pedidos: alunos do 6º ano de 2016 e alunos do mesmo ano escolar, de 2017.

4 RESULTADOS

Os resultados das avaliações apontaram a importância dos avós para os estudantes, mostrando grandes mudanças em relação às épocas abordadas: enquanto os avós antigamente conviviam em casas arborizadas, os atuais habitam cidades e prédios. Anteriormente, os avós se associavam mais à leitura e escrita e assistiam passivamente à televisão; atualmente, aparecem tirando fotos em celular ou participando de maratonas e surfando. O vestuário também diferencia as épocas: os antigos, mais formalmente vestidos e os contemporâneos, em camisetas. Assim, por meio dos equipamentos, vestuários, acessórios e atividades estariam se transportando ao mundo dos netos, como um modo de solucionar a “*gap generation*” ou tentar uma linguagem em comum em uma espécie de fronteira comunicacional.

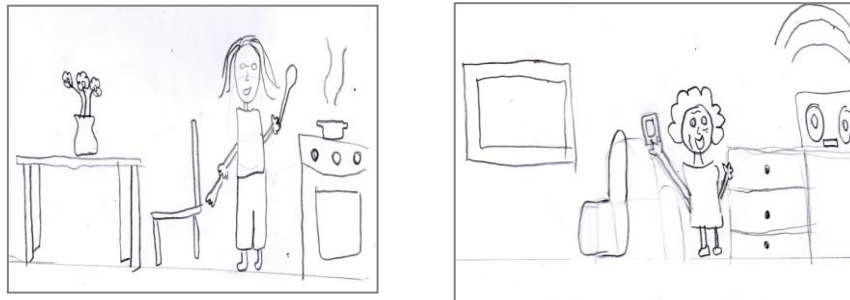
Observemos os desenhos abaixo, que estão mostrados como caracterizando uma “tipologia” de avós:

1. Diferenciação pela aparência física



Esta aluna caracteriza a avó de antigamente pelo coque, óculos e ouvindo gramofone. É uma velhinha. Já a avó moderna veste roupas que modelam seu corpo, usa brincos grandes, colar e se utiliza de símbolos da atualidade.

2. Diferenciação pela atividade:



Estes desenhos ilustram a mudança nas atividades da avó: uma se ocupa das lidas domésticas enquanto a outra está ligada ao rádio, celular e televisão.

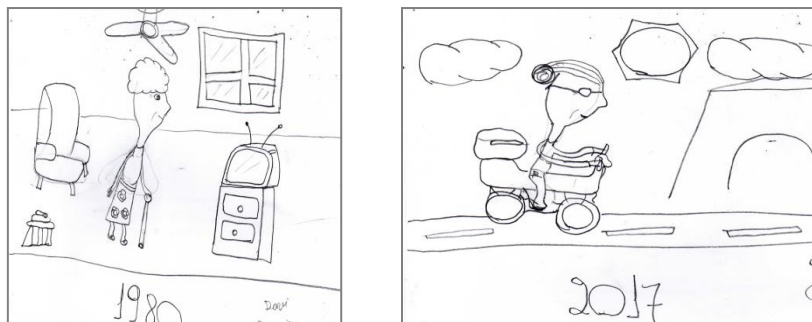
3. Diferenciação pela história familiar:



Estes maravilhosos desenhos ilustram a chegada do casal de imigrantes ao Brasil, desembarcando solitários em um cais, com o mar ao fundo e um navio gigante, carregando suas pequenas malas. Já, hoje em dia, como a autora expressa, eis uma avó faceira, com seu celular, seu computador, toda a tecnologia a seu dispor.

Embora este tipo de desenho não tenha sido frequente, a história familiar, principalmente como expressa pela vida dos avós, é especialmente relevante no tópico aqui discutido.

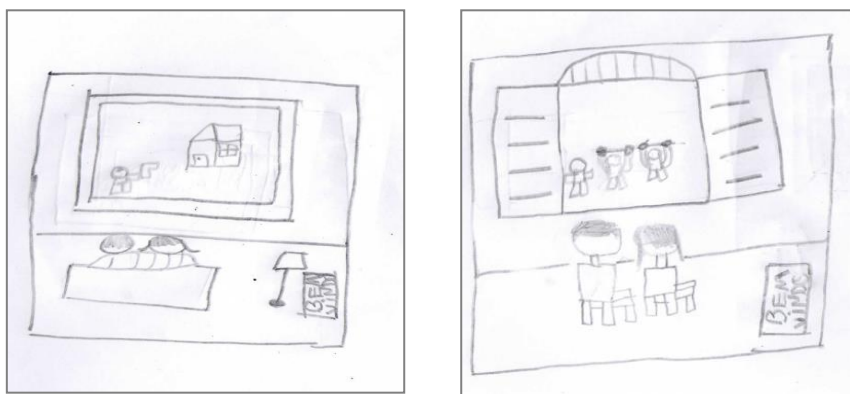
4. Diferenciação pelo modo de vida:



Este menino data os seus desenhos: 1980 e 2017. Assim, antigamente, a avó usa bengala, tem cabelos brancos, vestido de bolinhas, aparelho de televisão antigo e pequeno, sobre um móvel, enquanto a avó atual anda de moto, calças jeans, óculos especiais de motoqueira, e está transitando no meio urbano.

Estes dois desenhos enfatizam vários aspectos encontrados em muitos deles: a vida doméstica dos avós antigos, em que os móveis estavam presentes, enquanto estão ausentes nos avós atuais, que vivem fora de casa, realizando atividades intensas, como a retratada acima. Embora não estejam aqui representados graficamente, os desenhos de antigamente continham referências à natureza, como árvores e pomares, e casas, enquanto em 100% dos desenhos dos avós atuais, estes habitam cidades, com cimento e, em geral, com edifícios ao fundo.

5. Diferenciação pela relação com os netos e/ou pela vida dos netos



Finalmente, neste interessante desenho, a “paisagem” não muda: ambos os avós olham para fora, vendo o seu neto. No primeiro desenho, os avós são mais jovens e se sentam lado a

lado, olhando o neto brincar fora no espaço exterior a casa, com um bumerangue. No segundo, mais idosos, sentam-se em cadeiras separados, e olham o neto ter uma atividade estruturada, um tipo ginástica com pesos, ou seja, há a substituição do jogo livre pelo instrumentalizado. Desaparece a casa, mas permanece o tapete: Bem-vindos!

Este desenho foi o único em que a mudança principal aparece associada à vida dos netos, e não de transformações nos avós. Trata-se de uma arguta observação das transformações combinatórias de todos os envolvidos nos relacionamentos, mais a vida social e seus valores.

Deste modo, foram pontos relevantes apresentados nos desenhos:

- Diferenças quanto ao vestuário;
- A utilização de equipamentos eletrônicos;
- Habitação – amplitude no passado x reclusão atual.

Além disto, os desenhos apontaram a aproximação com a natureza no passado, dedicação à leitura e escrita e avós assistindo passivamente à televisão.

Atualmente, os avós aparecem ligados, em geral e, de forma extrema, ao celular. Em quase todos os desenhos dos avós atuais, estes trazem o celular, frequentemente, ao ouvido. Parecem estar prestando mais atenção ao celular do que aos netos. Revelam também o culto ao corpo (maratonas, surfe e paraquedismo) e se apresentam como “jovens”. Portanto, segundo estes estudantes, os avós no passado seriam mais acomodados, os do presente, mais agitados e “atléticos”.

5 DISCUSSÃO

Primeiramente, devemos ressaltar a perspicácia com que esses estudantes retratam os tempos e seus avós. Cada desenho de cada criança/jovem traz a surpresa de um olhar carinhoso, e crítico. Carinhosamente, os avós se comunicam com eles usando como eles a tecnologia; criticamente, os avós parecem mais atentos à tecnologia do que aos netos; carinhosamente, retratam cenas domésticas rurais; criticamente, mostram o cimento cru das cidades. Carinhosamente, mostram as avós de antigamente ocupadas nos afazeres domésticos; criticamente, mostram as avós atuais modernizadas nas vestimentas e atividades. Porém, poder-se-ia inverter os termos, e o que apresentam carinhosamente pode ser visto como criticamente e vice-versa: pois não criticam os avós, apenas retratam o seu imaginário sobre eles, mostrando o seu apego a eles, contem eles ou não contos e histórias. Carinhosamente e/ou criticamente, eles nos mostram que os tempos mudaram e que os avós atualmente não

são como eram antigamente. Mudou a paisagem, mudou a vestimenta, mudou o comportamento, e também mudaram as relações que, continuam, contudo, fortemente impressas no imaginário infantil.

Um dos aspectos mais impactantes é a juvenilização dos avós, tema que já foi abordado como juvenilização dos idosos (DEBERT, 1999). Para esta autora, haveria um empenho da sociedade em negar os determinismos biológicos, físicos, psicológicos e sociais, e as pessoas mais velhas estariam sendo cobradas por se manter “eternamente” jovens, tendo como consequência desincumbir a sociedade de cuidar dos idosos. Por seu lado, Kehl (2007) mostra como toda a sociedade se orienta para uma juvenilização da cultura, quando o jovem se torna o “modelo ideal” a ser seguido. Diz ela: “A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e de disposição, é um perfil de consumidor” (p. 44). É o que os desenhos dos estudantes claramente evidenciam, mas, como se trata de alunos de um Colégio Militar onde os avós também são ou foram militares, vários aspectos associados a esta juvenilização podem ser mais facilmente encontráveis, pois os avôs continuam praticando esportes, em geral, envolvendo algum perigo, como paraquedismo, surfe, etc. Seriam avós “atleticos”, várias vezes retratados ao lado de seu neto também praticando o esporte. Contudo, os desenhos apontam para um elemento que está presente em vários outros avós pertencentes a outras categorias profissionais.

Outro aspecto foi a presença do celular: pulam de paraquedas com o celular no ouvido! Carregam mais do que um celular nas mãos! Contudo, se, por um lado, o uso da tecnologia aproxima as gerações, por outro, afasta-as pela própria condição de intermediação que a tecnologia oferece; os netos denotaram perceber seus avós mais ligados a ela, tecnologia, do que a eles.

Rabinovich e Azambuja (2017) encontraram resultados semelhantes em seu estudo sobre avós modernas a partir da literatura infantil brasileira. Segundo estas autoras, os avós têm sido retratados como “ativos, comunicativos, presentes na vida dos netos e colaborativos, contrapondo-se à imagem da avó tradicional quanto à vestimenta, hábitos, comportamentos e atitudes” (p. 107). O personagem avô/avó passa a ter um corpo, não apenas marcado pelo sofrimento, como também pelo prazer. Podemos afirmar que os desenhos da presente pesquisa confirmam os resultados do estudo realizado a partir da literatura, ou seja, os estudantes revelam ter o mesmo olhar para os avós do que os escritores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avós retratados como ativos e ligados aos “fios”, qual seja, este modo de os avós se transportarem para o mundo dos netos, afasta-os dos contos maravilhosos pela sua própria condição de vida ativa. Ouvir contos, aliás, já vem sendo retirado do cotidiano desses mesmos avós que atualmente possuem idades entre 50 e 70 anos, conforme os dados revelados do questionário aplicado.

O currículo oferecido nas escolas brasileiras é propagado como plural e multicultural. Porém, o silêncio e a invisibilidade de certos conteúdos se dão pela percepção do interesse dos discentes por eles. Os contos de fadas são recebidos com desdém por um grupo de discentes, enquanto outros se encantam com o assunto propagado. No entanto, cada conto, lenda, fábula, facilita o discurso da etnia que ronda as histórias. Assim, os ciganos, os indígenas, as famílias e os negros passaram a fazer parte do incomensurável mundo das coisas porque sempre têm respostas para as perguntas mais difíceis feitas pelos mais jovens. Nos contos e lendas lembrados por eles, são sempre os jovens que perguntam alguma coisa aos mais velhos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Por uma arte de contar histórias**. Disponível em [HTTP://www.docedeletra.com.br/separar/hpsfanny.html](http://www.docedeletra.com.br/separar/hpsfanny.html). Acesso em: 6 jan. 2003.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: ed. Global, 2006.
- COLASANTI, Marina. **Uma idéia toda azul**. 23ª Ed. São Paulo: ed. Saraiva, 2015. (1. Ed, 1978)
- DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 70-83, 1999.
- FERNANDES, Célia Regina Delácio. Avós e netos na literatura infantil: vidas compartilhadas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1089-1112, 2013.
- FRANZEN, Jonathan. **Como ficar sozinho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- KEHL, Maria Rita, A juventude como sintoma da cultura. **Outro olhar. Revista de Debates**, v. 5. n. 4. Belo Horizonte, p. 42-53, 2007.

MARUJO, Manuela. Língua de afeto: herança de avós na preservação da identidade. In: MOREIRA, L. V. d. C.; RABINOVICH, E. P.; DIAS, C. M. d. S. (Orgs.). **A voz dos avós: família e sociedade**. Curitiba: CRV, 2017, p. 19-38.

RABINOVICH, Elaine Pedreira, AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta. Reconfigurando a imagem de avós na literatura infantil brasileira contemporânea. In: MOREIRA, L. V. d. C.; RABINOVICH, E. P.; DIAS, C. M. d. S. (Orgs.). **A voz dos avós: família e sociedade**. Curitiba: CRV, 2017, p. 93-110.

OTTE, Monica W.; KOVÁCS, Anamaria. **A magia de contar histórias**. Disponível em: www.posuniasselvi.com.br/rev02-02.pdf. Acesso em: 13 dez. 2016.

SILVA, Ana Isabel. Avós: memória e patrimônio cultural na região dos Açores. In: MOREIRA, L. V. d. C.; RABINOVICH, E. P.; DIAS, C. M. d. S. (Orgs.). **A voz dos avós: família e sociedade**. Curitiba: CRV, 2017, p. 39-58.

TORRES, Shirlei Milene, TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literatura**. PPG-LET-UFRGS- Porto Alegre, v. 04, n. 01, jan/jun 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/download/5844/3448>. Acesso em: 18 nov. 2016.